



A autobiografia como recurso em ações de extensão: percepções acerca do Projeto Felicidade e Bem-Estar

Autobiography as a resource in extension actions: perceptions about the Happiness and Well-Being Project

Francis Silva de Almeida¹



<https://orcid.org/0000-0002-9237-6325>



<http://lattes.cnpq.br/6092406184518622>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar o processo de curricularização da extensão universitária realizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPEPE) da Universidade de Uberaba (Uniube) no âmbito da disciplina Felicidade e Bem-Estar, componente institucional de matrícula obrigatória em todos os currículos da vigentes nas modalidades de ensino presencial e a distância. O relato concentra especial atenção na experiência circunstanciada pela disciplina na oferta EAD, cujo projeto se encontra vinculado ao Programa de Extensão Cidadania Ativa, da linha de extensão Direitos Humanos, e coordena os pressupostos da autobiografia e da história oral por meio da realização de entrevista de história oral de vida e da escrita de cartas. Do ponto de vista teórico, o referido projeto articula os conceitos de memória, experiência e atividade narrativa em Benjamin, (1994, 2006), Bondía (1996, 2002) e Foucault (2006); do ponto de vista metodológico, coordena os pressupostos da autobiografia em Bolivar (2001), Cartius (2013); Foucault (1992); Ferraroti (2010), Lejune (2008) e da história oral de vida em Garnica (2012), Meihy (2005) e Minayo (2008). O itinerário metodológico do projeto encontra-se organizado em fases, sendo, cada uma delas, ponto de interseção dos conteúdos previstos no plano de ensino da disciplina. Os resultados observados no primeiro ano de oferta do projeto destacam de que o estímulo da reflexão e do esclarecimento pessoal mediado pelas histórias de vida de diferentes sujeitos em diferentes contextos sociais contribui para que o aluno da graduação, indiferente sua área de formação, seja capaz de compreender as particularidades subjetivas que envolvem o processo de amadurecimento socioemocional identificando-o com o próprio processo de valoração que se desdobra como condição de humanização.

Palavras-chave: extensão universitária; curricularização; Resolução CNE/CES nº 7/2018; Uniube; felicidade; bem-estar.

ABSTRACT

This paper aims to report the curricularization process of the university extension conducted by the Pro-Rector of Research, Graduate and Extension (PROPEPE) of the University of Uberaba

¹ Universidade de Uberaba - Uniube, Uberaba/MG - Brasil. E-mail: francis.almeida@uniube.br



(Uniube) regarding the Happiness and Well-being course, which is a mandatory component of enrollment in all curricula of the current in the modalities of face-to-face teaching and distance. The report focuses on the experience detailed in distance education, which is a project associated to the Active Citizenship Extension Program, of the human rights extension line, and coordinates the assumptions of autobiography and oral history through an oral life history interview and the writing of letters. From the theoretical point of view, this project articulates the concepts of memory, experience and narrative activity in Benjamin (1994, 2006), Bondía (1996, 2002) and Foucault (2006); from the methodological point of view, it coordinates the assumptions of the autobiography in Bolívar (2001), Cartius (2013); Foucault (1992); Ferraroti (2010), Lejune (2008) and oral history of life in Garnica (2012), Meihy (2005) and Minayo (2008). The methodological itinerary is organized in phases, being each phase a point of intersection in terms of contents contained in the course teaching plan. The results observed in the first year of the project highlight the stimulus for self-reflection and personal clarification mediated by life different subjects' life histories in different social contexts. It contributes for undergraduate student in different areas of knowledge to be able to understand the subjective particularities that involve the process of socioemotional maturation by identifying it with the process of valuing itself results in the condition of humanization.

Keywords: university extension; curricularization; CNE/CES Resolution No. 7/2018; Uniube; happiness; well-being.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é uma atividade acadêmica que visa estender o conhecimento e as habilidades desenvolvidas dentro da universidade para a comunidade externa². Constitui, portanto, uma forma de conectar a academia com a sociedade, por meio da realização de projetos, programas e ações que buscam resolver problemas e desafios da sociedade. Essa atividade permite que os estudantes, professores e pesquisadores da universidade trabalhem em colaboração com a comunidade, compartilhando seu conhecimento e experiência para ajudar a melhorar a vida das pessoas em diferentes áreas, desde saúde, educação e meio ambiente, até cultura, arte e desenvolvimento social e econômico. Além disso, também oferece aos estudantes da graduação a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na sala de aula em situações do mundo real, permitindo que eles desenvolvam habilidades práticas, competências e experiência profissional, desempenhando, desse modo, um importante papel na formação de cidadãos mais conscientes, engajados e preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Na Universidade de Uberaba (Uniube), as atividades de extensão se encontram formalmente regulamentadas desde 2003. À época, a gestão das atividades de extensão se encontrava vinculada à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação e Extensão (PROEGE). Em 2005, com o desmembramento da PROEGE foi criada a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPEPE) que, a partir de então, tornou-se a responsável pela gestão da extensão universitária através de sua Coordenação de Extensão que, dentre outras funções, se vê responsabilizada pela gestão e

² No Brasil, a primeira Política de Extensão data de 1975, centralizando a competência do MEC em propor diretrizes extensionistas para as universidades, com base no Plano de Trabalho de Extensão Universitária. A partir da década de 1980, porém, as discussões sobre a ação extensionista, proposição de diretrizes e interlocução com o MEC, passam a ser conduzidas pelo Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas.



cumprimento das normas de fluxo, proposição, aprovação e execução dos projetos de extensão, incluindo o que diz respeito ao processo de curricularização que atende ao disposto na Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, e que vem se desdobrando, na universidade, desde 2019.

Considera, ademais, que todos os setores que estabelecem vínculo entre o conhecimento acadêmico, a intervenção social e o comprometimento com o desenvolvimento da comunidade, nos aspectos sociais, culturais, artísticos, ambientais, econômicos, de defesa e promoção dos Direitos Humanos, da Saúde, de sustentabilidade e do empreendedorismo, e que propiciam a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, são essencialmente promotores da responsabilidade social postulada pela instituição, uma vez que os processos educacionais que perpassam a extensão e que promovem sua articulação com o ensino e a pesquisa, não são apenas sistêmicos, são também indissociáveis.

Assim contextualizado, este trabalho tem como objetivo relatar o processo de curricularização da extensão universitária realizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPEPE) da Universidade de Uberaba (Uniube) no âmbito da disciplina Felicidade e Bem-Estar, componente institucional de matrícula obrigatória em todos os currículos da vigentes nas modalidades de ensino presencial e a distância. O relato concentra especial atenção na experiência circunstanciada pela disciplina na oferta EAD.

Nas seções a seguir, relatamos o processo de curricularização da extensão universitária realizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão (PROPEPE) da Universidade de Uberaba (Uniube), com especial ênfase no que foi realizado no âmbito da disciplina Felicidade e Bem-Estar – para tanto, concentramos atenção nas bases teóricas do projeto, em sua organização metodológica e, por fim, nos resultados obtidos no primeiro ano de sua oferta aos alunos dos diferentes cursos de graduação que compõem o quadro da EAD/Uniube.

2. O PROCESSO DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DE UBERABA (UNIUBE)

A ideia de curricularização da extensão universitária no Brasil surgiu primeiramente no PNE – Plano Nacional de Educação 2001-2010, em suas metas 21 e 23, instituindo a “obrigatoriedade de 10% dos créditos curriculares exigidos para a graduação, integralizados em ações extensionistas”; sendo reafirmada no PNE em 2014-2023, na sua estratégia 7 da meta 12. No entanto, com a Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, a Extensão Universitária recebeu nova conceituação em seu Art. 3º: “Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da educação e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente como o ensino e a pesquisa”.

Em razão das novas disposições, a Universidade de Uberaba (Uniube) realizou, em 2019, por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão



(PROPEPE)/Coordenação de Extensão, o I Workshop de Extensão Universitária com objetivo de divulgar e discutir a curricularização da extensão de acordo com as Metas do PNE - Plano Nacional de Educação (2014-2023). O evento contou com a participação de diretores, gestores, professores e representantes da comunidade acadêmica interna e externa, presencial e a distância. Por isso, inclusive, a universidade instituiu, em 2020, um Grupo de Estudos em Inovação Curricular (GEIC) com o propósito de reformular as propostas curriculares de todos os cursos de graduação da instituição. As ações de extensão na Universidade de Uberaba fazem parte do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e se encontram orientadas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no Regimento Geral da Universidade e na Política Nacional de Extensão expressa no Plano Nacional de Extensão. Suas Diretrizes mais atuais foram aprovadas pelo Conselho Universitário da Universidade de Uberaba e homologadas pela Reitoria por meio da Resolução nº 076, de 15 de junho de 2021.

Nos cursos de graduação de modalidade a distância, a incorporação da extensão aos currículos foi realizada, em primeira ordem, por meio de três das disciplinas institucionais da universidade, a saber: Cidadania, Heterogeneidade e Diversidade; Felicidade e Bem-Estar e Educação Financeira - a escolha dessas disciplinas se justifica precisamente pela natureza interdisciplinar com que seus campos epistemológicos foram definidos; no caso da disciplina Felicidade e Bem-Estar, porque o conjunto de suas discussões se encontram imbricadas no campo dos Direitos Humanos; em segunda ordem, foram apontadas, dentro dos cursos de graduação, as disciplinas mais adequadas à articulação da extensão. Esse processo se deu ao longo do ano de 2021, de modo que, já em 2022, todos os cursos da EAD/Uniube já contavam com currículos reformulados para atender à Resolução CNE/CES 7/2018.

A disciplina Felicidade e Bem-Estar foi concebida em 2019 a pedido das Pró-Reitorias de Ensino Superior (PROES) e Educação a Distância (PROED), e inserida no quadro das disciplinas institucionais da Universidade de Uberaba em 2020/1 com objetivo de reforçar a construção educativa de competências intrapessoais e interpessoais. (DELORS, 1998; MINICUCCI, 2011). Em termos estatutários, a disciplina se encontra definida como um espaço discursivo interdisciplinar constituído no entretencimento de diferentes epistemologias.

Os fundamentos epistemológicos da disciplina encontram-se assim organizados: concernente à discussão sobre a felicidade, as leituras e discussões propostas resgatam o ideário do humanismo clássico (ANDREWS, 2011; BARROS FILHO; MEUCCI, 2012; PAULA, 2018), reconhecendo haver na história do pensamento filosófico diferentes interpretações sobre a felicidade, referindo-se, portanto, a um conceito que não se impõe como expressão única, uniforme e rígida, mas de uma experiência que se manifesta de diferentes maneiras; a segunda, subsidiada nos entremeios da filosofia (FOUCAULT, 2006; PATRUS, 2014) e da psicologia (GONZALEZ REY, 2003; MINICUTTI, 2011), situa as reflexões sobre o bem-estar como uma condição concreta. A esse respeito, a ideia de bem-estar (o estar bem) encontra aderência no conceito de cuidado-de-si³.

³ Utilizando os textos cínicos, epicuristas e estoicos para resgatar o sentido de *epiméleia heautoû* e explorar as práticas de cuidado com o corpo e as suas diferentes significações no universo cultural helenístico-romano, Foucault (2006) identifica o cuidado-de-si como uma aplicação concreta e particular da regra vinculada a todo o cuidado que um indivíduo deve ter consigo mesmo, apontado, por meio da



Do ponto de vista metodológico, a disciplina encontra-se organizada em sequências didáticas semanais que atendem os seguintes eixos temáticos: aspectos filosóficos da felicidade; autoconhecimento e construção da identidade; motivação; diversidade; propósito e produtividade; riscos associados à pouca qualidade de vida; equilíbrio e inteligência emocional. Além de uma videoaula e de leituras obrigatórias e complementares, as sequências didáticas de cada semana de estudos exploram diferentes gêneros textuais e linguagens, como obras de arte, música e cinema. O objetivo dessa tessitura discursiva é criar as condições de uma reflexão que, atravessando os parâmetros teóricos fundamentais da relação felicidade e bem-estar, alcance, de forma ativa, os padrões de subjetividade e singularidade do aluno permitindo-o uma reflexão dinâmica e criativa quanto ao entendimento e à promoção de qualidade de vida, bem-estar e felicidade. O propósito dessa organização é enfatizar o protagonismo e o envolvimento direto, participativo e reflexivo do aluno em todas as etapas do seu processo da formação acadêmica (MORAN, 2018), o que, conforme notamos, cria as condições de uma vivência de autoconhecimento capaz de atuar sobre a formação humana dos alunos da graduação e dos sentidos que estes atribuem à experiência de ser e estar no mundo.

2.1. O PROJETO FELICIDADE E BEM-ESTAR, SEUS OBJETIVOS, FUNDAMENTOS TEÓRICOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

O projeto de extensão Felicidade e Bem-Estar assume o mesmo nome da disciplina em que se encontra integrado. Os objetivos do projeto se articulam em função do desenvolvimento de ações interdisciplinares de natureza educacional, cultural e científica ancoradas numa experiência de formação humana, integral e integrada à vivência da realidade social e política como lastro dos conhecimentos fundamentais à construção dos sentidos crítico, de responsabilidade, de coletividade, de colaboração e de solidariedade. Seus objetivos são: (i) mediar a construção educativa do protagonismo e da autonomia do aluno da graduação em razão de suas relações com a linguagem, a socialidade, a arte, a ciência e a política; (ii) promover a interação dialógica e o contato do aluno da graduação com as narrativas e biografias de diferentes indivíduos em diferentes contextos sociais e de vida; (iii) estimular o aluno da graduação a refletir sobre como as relações intersubjetivas implicam a construção e a transformação das identidades, das representações e dos papéis sociais; e (iv) reforçar o saber de experiência como dispositivo de reflexões e vivências capazes de atuar sobre a elaboração dos sentidos individuais e coletivos de ser e estar no mundo, de ser e com-viver⁴. Cumpre esclarecer que os recursos da autobiografia e da história oral não designam para o projeto um dispositivo de investigação/pesquisa. Pelo

sua condição corpórea, a evidência da sua relação com o mundo e das experiências que lhe afetam.

⁴ A propósito do objetivo de reforçar o saber de experiência como dispositivo de reflexões e vivências capazes de atuar sobre a elaboração dos sentidos individuais e coletivos de ser e estar no mundo, o uso do termo "com-viver" indica a tentativa de resgatar e enfatizar a ideia de viver em conjunto, compartilhando experiências, responsabilidades e conexões significativas com outras pessoas e com o ambiente ao nosso redor. Seu conteúdo semântico do termo indica um processo que vai além do simples ato de existir individualmente e destaca a importância de coexistir de maneira harmoniosa e colaborativa com a comunidade, reconhecendo que nossas vidas estão intrinsecamente interligadas. Assim, o termo "com-viver" evoca uma consciência mais profunda da nossa interdependência e da necessidade de cultivar relacionamentos saudáveis e solidários em nosso cotidiano, promovendo o bem-estar coletivo e a construção de sociedades mais justas e sustentáveis.



contrário, o conjunto das perspectivas teóricas que disciplinam ambas as metodologias espreitam o interesse pelo reconhecimento da história de vida como condição de desenvolvimento das competências intrapessoais e interpessoais, socioemocionais, de compreensão e de cooperação social.

Sua principal premissa admite a autobiografia como dispositivo de natureza reflexiva, formativa e de especial condição para o desenvolvimento da subjetividade em razão do entretimento das memórias e da transformação das vivências em experiências por meio da atividade narrativa, e se interessa pelos fazeres autobiográficos como atividade de escrita caracterizada pela singularização do processo em que o narrador se desloca no tempo para dizer de si, do outro e do mundo. A autobiografia se configura como uma forma de escrita em que sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado e ponto de partida de um itinerário de reflexões capaz de dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita (grafia).

Os fazeres autobiográficos, ou ainda, como pretendemos destacar, de escrita de si, recobram o sentido dos ditos e interditos nos quais se entretecem as memórias que dão sentido à experiência de ser e estar no mundo, de estar e ser com o outro, de dizer de si como reconhecimento das tramas que definem a própria vida como estado imanente. Ao que notamos, as narrativas autobiográficas contêm a inteireza das experiências de vida comunicadas ao ouvinte. No entanto, essa comunicação não ocorre sem que, no justo momento da narrativa, os eventos reconstituídos pela memória sejam ressignificados pelo narrador. A narrativa autobiográfica representa um momento de maior imbricação entre o narrador e o ouvinte, pois o primeiro não conta sua vida em um gravador ou em um diário íntimo, mas a reelabora na interação que se dá entre dois sujeitos que são históricos.

Em Lejeune (2008) encontramos uma definição bastante referenciada sobre o texto autobiográfico: trata-se de uma narrativa em prosa, na qual pessoas reais revisitam suas memórias com ênfase em sua vida individual e na história de sua personalidade. Escrever sobre si carrega consigo um processo de abertura subjetiva, das dimensões pessoais e factuais que permitem o acesso aos lugares privados, íntimos e lamentáveis da vida em diferentes níveis. Por isso, inclusive, a escrita de si constitui também uma direção de mudança que visa legitimar o modo de ser no mundo. Dizer de si retrata não só os processos de construção de uma identidade pessoal e coletiva, como também destaca os diversos vínculos propostos na relação que se constitui entre o indivíduo e o mundo.

Todos os alunos matriculados na disciplina Felicidade e Bem-Estar desenvolvem o projeto, e suas ações de extensão são realizadas em instituições públicas, privadas ou de natureza não-governamental que prestam serviço de acolhimento institucional no âmbito do abrigo, da residência e da longa permanência. O projeto se desenvolve a partir da realização de entrevista de história oral para elaboração de relato de história de vida e culmina com a escrita de cartas pessoais destinadas ao depoente e ao próprio aluno extensionista – estas como exercício de reflexão sobre o ‘eu’ do passado e de projeção do ‘eu’ do futuro.

A escritura de cartas é uma das tradições discursivas mais antigas de que se tem nota. (CURTIUS, 2013). Designada como uma prática social, a escritura de cartas



materializa, desde a Antiguidade, o desejo e a necessidade que o indivíduo tem de construir interlocuções significativas: ao escrever, o indivíduo, agora signatário, atribui sentido às suas experiências. Ao conservar suas forças vitais, criativas e plásticas, a escritura de cartas como prática narrativa e autobiográfica se relaciona direta e intensamente com a produção subjetiva: experiências humanas comunicáveis e tessitura de memórias em que o narrador retira da experiência o que ele conta: “recordar es algo que nosotros hacemos y para lo que necesitamos [...] la recolección tiene la forma de una narración desde un punto pasado hasta el presente en función de un punto de vista que la hace significativa.” (BONDIA, 1996, p.466).

Logo, a escrita de si concretizada na escritura de cartas é a condição de um encontro que se impõe ao indivíduo e que supõe a tradição compartilhada na transmissão da palavra como condição de continuidade. (BENJAMIN, 1994; BONDÍA, 2002)⁵. A palavra é, portanto, a condição que encarna a experiência como aprendizagem compartilhada.

Enquanto fazer autobiográfico, a escrita de cartas propicia um importante exercício de si: primeiro, na leitura que o signatário faz de suas próprias palavras; depois, nas palavras que reverberam na resposta que recebe. Uma carta é sempre “[...] uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.” (FOUCAULT, 1992, p.157). Logo, a escritura de cartas se destaca como um trabalho intelectual cuja composição autobiográfica e narrativa permite compreender o enredo das histórias contadas pelos indivíduos diante dos conflitos e dos dilemas que marcam suas itinerâncias.

Em Benjamin (1994, p.205) corroboramos que o exercício narrativo se constitui como “uma forma artesanal de comunicação”. Logo, como fazer que opera, a partir da trama comutada dos sentidos, a construção da memória como espaço de comunicação da experiência histórica do homem, e, precisamente por isso, como uma das condições mais importante na produção da subjetividade.

Também Bolívar *et al.* (2001) nos trazem características das narrativas das quais se destacam: a) temporalidade e narração formam um todo: o tempo é constituinte do significado; e b) as narrativas individuais e as culturais estão inter-relacionadas. Ora, se presumimos o mundo como lugar da formação dos valores e da ação, a vida humana, no e com o mundo, não pode cumular-se de outra coisa que não seja o fluxo de uma intenção subjetiva que coloca o sujeito em contato com a ideia de tempo como imagem dialética, numa relação que se articula entre o outrora e o agora. Logo: “Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação.” (BENJAMIN, 2006, p.505).

É precisamente o entendimento das tramas do tempo e da subjetividade que nela se produz o que permite ao sujeito compreender a si mesmo, aos outros, à cultura e aos acontecimentos de ontem e hoje como espaço dialético, de autocrítica e de

⁵ A esse respeito, corroboramos em Bondía a definição aristotélica *zôon lógon échon*. Para o pensador espanhol, o sentido do “vivente com palavra” não quer dizer que o homem tenha domínio da palavra como um instrumento, ou uma faculdade da razão, mas, antes, “[...] que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra.” (BONDÍA, 2002, p.21).



autorrealização. Nesse ponto, a interseção entre os Métodos Autobiográfico e da História Oral merecem especial destaque.

A história oral é uma metodologia de quadro amplo, na qual recolhem-se relatos de experiência de um indivíduo ou grupo. (QUEIROZ, 1988). Interseccionados com a história oral e a história de vida, os fazeres autobiográficos colocam em questão o modo como o indivíduo elabora sobre si mesmo e suas experiências, suas maneiras de ser e representar-se como pessoa no mundo. Esse repositório é que nos permite descobrir, explorar e avaliar “[...] como as pessoas compreendem seu passado, vinculam sua experiência individual a seu contexto social, interpretam-na e dão-lhes significado, a partir do momento presente.” (MINAYO, 2008, p.158).

Ademais, na medida em que a subjetividade e a experiência individual são valorizadas como importantes elementos de compreensão do passado, a ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo e na experiência concreta justificam a autobiografia como método potencialmente possível de autocrítica para cada indivíduo, em dada sociedade ou grupo. Assumir essa prerrogativa significa admitir um movimento interrogativo e contínuo em torno não só da relação que o indivíduo mantém com o passado, mas, sobremaneira, do modo como a memória e a narrativa se articulam e produzem subjetividades, identidade e papéis sociais.

A natureza qualitativa do Projeto Felicidade e Bem-Estar nos permite reconhecer a construção do conhecimento como um processo atravessado pelos interesses, significados e aspirações dos sujeitos que intermedeiam as relações de saber. Desse modo, as atividades de extensão qualitativas são “entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do *significado* e da *intencionalidade* como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais [...] na sua transformação, como construções humanas significativas.” (MINAYO, 2008, p.23, grifos da autora).

Do ponto de vista da sistematização das ações extensionistas propostas pelo projeto, a escolha pelo método autobiográfico se justifica em razão das dimensões do fenômeno (o relato; o acontecimento) e do processo de ressignificação da experiência vivida pelo sujeito que se narra. Conforme Ferraroti (2010), o método autobiográfico se caracteriza específico porque corrobora a complexidade das relações de interação vividas pelo indivíduo no conjunto das relações sociais: ele revela as apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais ao mesmo tempo em que explicita o caráter dinâmico da subjetividade.

Enquanto exercício de composição narrativa, o método autobiográfico implica uma espécie de resgate memorialístico (baseado na realidade), ora como enredo entretecido por elementos ficcionais. (LEJEUNE, 2008). Por essa razão, e precisamente porque não se trata de uma história ou um documentário, a autobiografia pode assumir diferentes formas: diários, memórias, poemas, canções, peças de teatro, cartas *etc.* Assim sendo, e especialmente em conta da promoção da interação dialógica e do contato do aluno da graduação com as narrativas e biografias de diferentes sujeitos em diferentes contextos sociais e de vida, e do fomento do fazer autobiográfico como condição de desenvolvimento das competências intra e interpessoais, socioemocionais, de compreensão e de cooperação social, o projeto Felicidade e Bem-Estar admite a elaboração transcritiva de relatos autobiográficos e



a escritura de cartas como resultado das ações extensionistas que integram este projeto.

As atividades propostas pelo projeto encontram-se sistematizadas em sete fases, sendo, cada uma delas, ponto de interseção dos conteúdos previstos no plano de ensino da disciplina Felicidade e Bem-Estar. Cada uma das sete fases tem duração flexível e pode variar em função do andamento dado pelo aluno ao desenvolvimento do projeto, em razão do calendário institucional e/ou de demandas outras na ordem pedagógica/formativa do projeto e das demandas sociais apresentadas pelos alunos. Cumpre reforçar que as fases de desenvolvimento do projeto, conforme descritas a seguir, foram igualmente sistematizadas e replicadas em cada uma das ofertas previstas no calendário institucional EAD/Uniube para os bimestres 1.2, 1.3 e 1.4⁶. As atividades descritas nas fases 3, 4, 5, e 6 compõem o Relatório Final de Extensão que é entregue para avaliação do professor vinculado à tutoria da disciplina Felicidade e Bem-Estar.

Nas fases 1 e 2, são realizadas oficinas para aprofundamento teórico e da metodologia. Na fase 3, são identificados os equipamentos públicos, privados ou de natureza não-governamental que prestam serviço de acolhimento institucional disponíveis na comunidade, bairro, cidade (Casa Lar, Abrigo, Casa de Passagem e Residência Inclusiva). Na fase 4, o aluno escolhe e visita um dos equipamentos identificados para conhecer o trabalho que é desenvolvido e os sujeitos que são atendidos; convida um dos internos para ser entrevistado e realiza a entrevista de história oral de vida. Na fase 5, são realizadas as oficinas para transcrição e textualização a entrevista (nessa fase o aluno elabora o relato biográfico do sujeito entrevistado). Na fase 6, são realizadas as oficinas de escrita de cartas: cada aluno escreve uma carta que será devolvida ao sujeito entrevistado (narrando as aprendizagens vividas no contato com suas histórias de vida) e outras duas cartas (a primeira, para quem ele foi no passado – contando a si mesmo como porquê ele mudou, os projetos que ele construiu, suas inspirações, suas aspirações; a segunda, para quem ele deseja ser no futuro – contando para si mesmo as sensações, os sentimentos e as emoções que ele tem experimentado e que não gostaria de esquecer ao longo dos anos. Nas fases 7 e 8, são produzidos os relatos de experiência que sistematizam e avaliam todo o processo.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMPO DE ATUAÇÃO, EXTENSÃO DO ATENDIMENTO E PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EXTENSIONISTAS

Com intuito de mapear a extensão do projeto em termos da relação de interação da comunidade acadêmica com as instituições campo de extensão, foi disponibilizado na sala de aula da disciplina Felicidade e Bem-Estar um questionário elaborado com o recurso Google Forms⁷. Cumpre registrar que a disciplina foi concluída por

⁶ Os cursos de graduação EAD/Uniube passaram, a partir de 2016, a serem ofertados na forma de cursos semestrais, com módulos bimestrais de estudos, com quatro entradas anuais: fevereiro, abril, agosto e outubro. Cada etapa (semestre) do curso, é composta por dois módulos de estudos, e cada módulo de estudo tem duração de dez semanas; quatro módulos correspondem a um ano de estudos.

⁷ O processo de coleta de dados ocorreu ao final de cada um dos bimestres em que a disciplina foi oferecida (bimestres 1.2, 1.3 e 1.4 de 2022) e envolveu a aplicação de questionários estruturados desenvolvidos especificamente para essa finalidade. O questionário foi configurado para abordar aspectos



aproximadamente 4 mil alunos nos bimestres 1.2, 1.3 e 1.4 de 2022. Destes, 1.150 responderam ao questionário proposto. Consideramos que o expressivo número de respondentes seja suficiente para o mapeamento que desejamos realizar; entendido como dados produzidos por amostragem, eles nos permitem analisar um subconjunto de todos os dados referentes aos tipos de campo de atuação em que a atividade de entrevista de história oral foi realizada e nos permitem, ainda, evidenciar informações significativas no conjunto de dados maior referida a extensão do atendimento.

Os dados consolidados pelo Questionário de Percepção do Aluno indicam que 16% dos alunos extensionistas realizaram a atividade de entrevista de história oral com sujeitos internos atendidos por diferentes equipamentos de acolhimento institucional; destes: 40% dos alunos extensionistas realizaram a referida atividade em Instituição de Longa Permanência/Asilo/Casa-Lar (destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar e em condições de liberdade, dignidade e cidadania); 16,5% o fizeram em Casa de Passagem (para adultos e/ou famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica); 15,9% realizaram a atividade em Casa de Acolhimento (para adultos que estejam realizando tratamento/acompanhamento de saúde fora de sua cidade de residência e que demandam atenção e atendimento com padrões de dignidade); 14,7% desenvolveram a referida atividade em Casa-Abrigo (para adultos em situação de rua e/ou adultos em situação de vulnerabilidade socioeconômica - em ambos os casos em razão da atenção e do atendimento com padrões de dignidade); por fim, 12,9% o fizeram em Residência Inclusiva (para adultos e/ou famílias que demandam cuidado e atenção especial às necessidades individuais e coletivas no âmbito da raça/etnia, religião, gênero e orientação sexual).

Em contraponto, e encontrando justificativa nas demandas sociais apresentadas pelos alunos (dentre elas, do acesso limitado aos equipamentos de acolhimento institucional em razão da Covid-19 e a dificuldade de organização de tempo na razão trabalho/estudos), 84% dos alunos extensionistas realizaram a atividade de entrevista de história oral com sujeitos não institucionalizados pertencentes à sua comunidade (o que incluiu o seu núcleo familiar).

Os dados destacados acima demonstram, de um lado, a extensão da relação interinstitucional mediadora da construção educativa do protagonismo e da autonomia do aluno da graduação em razão de suas relações com a linguagem, a socialidade, a arte, a ciência e a política - cinco grandes grupos de equipamentos operantes em diferentes tipos de atendimento foram contemplados pelo projeto, promovendo a interação dialógica e o contato do aluno da graduação com as narrativas e biografias de diferentes indivíduos em diferentes contextos sociais e de vida; de outro, que esse atendimento tenha sido limitado, em partes, pelas medidas de segurança sanitária impostas pelos equipamentos por causa da Covid-19. Reconhecemos pertinente

fundamentais das experiências dos alunos na extensão, abrangendo seu envolvimento nas atividades, a aquisição de competências e habilidades socioemocionais, bem como o impacto percebido em seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Por se tratar de um questionário elaborado no Google Forms, o consentimento do respondente foi solicitado logo no início do questionário, antes que qualquer pergunta fosse respondida, demonstrando a atenção e o compromisso do proponente com os princípios éticos da pesquisa. Desse modo, cada aluno extensionista teve a oportunidade de revisar as informações sobre os objetivos do questionário para dar ciência da solicitação e anuência voluntária de sua participação na coleta dos dados.



ressaltar as dificuldades de deslocamento e/ou organização de tempo na razão trabalho/estudos encontradas por grande parte dos alunos extensionistas – a esse respeito cumpre registrar que, conforme nota da Agência Brasil a respeito de um estudo realizado pelo Instituto Semesp no ano de 2020, 61,8% dos alunos matriculados em instituições privadas de ensino trabalham concomitantemente aos estudos; e 69% deles têm carteira assinada; e ainda, que se, em 2012, 14,1% dos ingressantes no ensino superior usavam dos próprios recursos para pagar seus cursos, em 2018 este percentual passou para 34,8%. (PEDUZZI, 2020).

Em todo caso, vale registrar que, realizada com sujeitos institucionalizados ou não, a atividade em nada é depreciada de seu valor acadêmico e formativo uma vez que o foco da atividade são as memórias do sujeito depoente e a construção narrativa que reforça o saber de experiência como dispositivo de reflexões e vivências capazes de atuar sobre a elaboração dos sentidos individuais e coletivos de ser e estar no mundo. Ambas as situações de realização da entrevista de história oral foram igualmente fomentadoras do fazer autobiográfico como condição de desenvolvimento das competências socioemocionais, de compreensão e de cooperação social.

Sobre as percepções dos alunos extensionistas⁸, 96% classificou a entrevista de história oral de vida como significativa e/ou muito significativa porque lhes permitiu reconhecer as diferentes histórias/circunstâncias que deram/dão forma à experiência de ser e estar no mundo, de ser e com-viver, e, em alguma medida, lhes permitiu realizar importantes reflexões sobre como eles veem e interpretam o mundo, a si mesmos e as relações que são mantidas com o outro em diferentes lugares sociais; 86,9% afirmaram que o exercício autobiográfico intermediado pela escritura das cartas qualificou uma espécie de jornada de autoconhecimento marcada por algo que cabe a cada um dizer “quem eu fui, quem eu sou e quem eu desejo ser”, e, ainda, porque qualifica um tipo de narrativa por meio da qual foi possível compreender os sentimentos, as sensações e as emoções que ensinam sobre a história experimentada por cada um, individualmente; 82,9% afirmaram que o projeto estimulou a reflexão sobre como as relações intersubjetivas implicam a construção e a transformação das identidades, das representações e dos papéis sociais; por fim, 82,3% afirmaram que o projeto contribuiu para o desenvolvimento das competências socioemocionais, de compreensão e de cooperação social.

Os dados mencionados acima reforçam a compreensão de que a escrita de si concretizada na elaboração dos relatos biográficos e na atividade de escritura de cartas designa a condição de um encontro que se impõe ao indivíduo e que supõe a tradição compartilhada na transmissão da palavra como condição de continuidade (BENJAMIN, 1994; BONDÍA, 2002). A palavra é, portanto, a condição que encarna a

⁸ No que diz respeito às percepções dos alunos extensionistas, a avaliação foi referenciada de acordo com os pressupostos da análise de conteúdo temática proposta pela cientista social Laurence Bardin (2010). No âmbito da análise de conteúdo, fizemos opção pela “análise temática” (BARDIN, 2010, p. 37) como metodologia sistemática para interpretação dos significados elaborados pelos alunos extensionistas em torno da autorreflexão e do autoconhecimento; da construção das identidades e da representação, do desenvolvimento pessoal e das relações sociais e cooperação social. A técnica da análise temática não só reitera a flexibilidade e a criatividade necessárias para a realização das inferências e da interpretação formal dos resultados, como também, “recorre a indicadores não frequenciais susceptíveis de permitir inferências [correspondendo] a um procedimento mais intuitivo, [...] mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses.” (BARDIN, 2010, p. 140-141).



experiência como aprendizagem compartilhada em diferentes níveis de interlocução e de diferentes modos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das atividades integradoras do projeto evidenciaram um importante movimento de interação e cooperação em que as narrativas do sujeito entrevistado foram destacadas como elementos de reflexão capazes de produzir, no aluno extensionista (sujeito entrevistador), pontos de encontro (conexão, aproximação e/ou distanciamento) com suas próprias histórias e, por consequência, de deslocamentos: fazer da negociação discursiva o caminho para apreensão das opiniões, das crenças, dos valores e dos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo.

O conjunto das perspectivas teóricas que disciplinam os recursos da autobiografia e da história oral espreitam o interesse pelo reconhecimento da história de vida como condição para o desenvolvimento de habilidades e competências ligadas ao campo socioemocional e de compreensão e de cooperação social. Por seu lado, a textualização da entrevista evidenciou uma atividade não só prestativa da análise do material transcrito (das palavras e dos comportamentos não-verbais, como risos, choros, diferenças na entonação da voz, gestos que foram registrados), como também, e especialmente, permitiu ao aluno extensionista reencontrar o movimento de interação e cooperação com as narrativas do sujeito entrevistado para realizar a negociação discursiva proposta nesta etapa do projeto.

De modo particular, a escritura de cartas propiciou um importante exercício de si: primeiro, na leitura que o signatário faz de suas próprias palavras; depois, nas palavras que reverberam na resposta que recebe. Enquanto fazer autobiográfico, uma carta é sempre “[...] uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.” (FOUCAULT, 1992, p.157). Logo, a escritura de cartas se destacou como um trabalho intelectual cuja composição autobiográfica e narrativa permite compreender o enredo das histórias contadas pelos indivíduos diante dos conflitos e dos dilemas que marcam suas itinerâncias. Nela, evidenciamos que o exercício de olhar para dentro de si mesmo, para sua história e para suas memórias e, em tudo isso, reconhecer as circunstâncias que deram forma a quem se é contribuiu para que o aluno extensionista pudesse colocar em questão o modo como ele vê e interpreta o mundo, o modo como suas sensações, sentimentos e emoções reverberam as representações que ele faz de si mesmo.

Além disso, a escritura de cartas coloca o aluno e suas experiências no centro da narrativa, e as reflexões que aí se desenvolvem marcam a autobiografia como movimento capaz de resgatar sua inteireza e complexidade como sujeito narrador: reconhecer-se na trama das memórias individuais pressupõe compreender que nenhuma vida humana é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos que se encontram, que vivem juntos e que fazem do ato discursivo um meio de persuasão, de troca de experiências e de aquisição de saber.



5. REFERÊNCIAS

- ANDREWS, S. **A ciência de ser feliz**. Tradução de Niels Nikolaj Gudme. São Paulo: Ágora, 2011.
- BARROS FILHO, C. de.; MEUCCI, A. **A vida que vale a pena ser vivida**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BOLÍVAR, A. *et al.* **La investigación biográfico-narrativa em educación**: enfoque e metodologia. Madrid: La Muralla, 2001.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.19, p.20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- BONDÍA, J. L. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre Literatura y Formación. Barcelona: Editorial Laertes, 1996.
- CURTIUS, E. R. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- DELORS, J. (Coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez Editora; Brasília: Unesco, 1998.
- FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Caiscais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992. p.127-160.
- FOUCAULT, M. Aula de 6 de janeiro de 1982 – primeira hora. In: FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.3-34.
- GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. de. História Oral e História Oral em Educação Matemática. In: GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.93-120.
- GONZALEZ REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. Tradução de Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.



MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINICUCCI, A. **Relações humanas**: psicologia das relações interpessoais. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, S. *et al.* (Orgs.). **Novas Tecnologias Digitais**: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017. p.23-35.

PAULA, M. F. de. **Sobre a felicidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PEDUZZI, P. **Mapa do Ensino Superior aponta maioria feminina e branca**. Brasília: Agência Brasil. 2020. Educação. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/mapa-do-ensino-superior-aponta-para-maioria-feminina-e-branca>. Acesso em: 25 jan. 2022.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. p.14-43.

Submetido em: **11/03/2023**

Aceito em: **29/09/2023**